

# alma

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

da mihi animas

2013

Anno LX Mensile  
n. 9/10 Settembre/Ottobre

Poste Italiane SpA  
Spedizione in Abbonamento  
Postale  
D.L. 353/2003  
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46)  
art.1, comma 2 - DCB Roma



**DE FILHAS A MÃES**

# dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora  
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma  
tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06  
e-mail: dmariv2@cgfma.org

## **Diretora responsável**

Mariagrazia Curti

## **Redação**

Giuseppina Teruggi  
Anna Rita Cristaino

## **Colaboradoras**

Tonny Aldana • Julia Arciniegas  
Patrizia Bertagnini • Mara Borsi  
Carla Castellino • Piera Cavaglià  
Maria Antonia Chinello  
Emilia Di Massimo • Dora Eylenstein  
Maria Pia Giudici • Palma Lionetti  
Anna Mariani • Adriana Nepi  
Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez  
Paola Pignatelli • Debbie Ponsaran  
Maria Rossi • Bernadette Sangma  
Martha Séide

## **Tradutoras**

*francês* • Anne Marie Baud  
*japonês* • inspetoria japonesa  
*inglês* • Louise Passero  
*polonês* • Janina Stankiewicz  
*português* • Maria Aparecida Nunes  
*espanhol* • Amparo Contreras Alvarez  
*alemão* • inspetorias austríaca e alemã

## **EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL**

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice  
Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma c.c.p. 47272000  
Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970  
sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,  
legge 662/96 Filial de Roma

## **n. 9/10 setembro-outubro de 2013**

Tip. Istituto Salesiano Pio XI  
Via Umbertide 11 00181 Roma  
USPI – Unione Stampa Periodica Italiana

## **Edição em Português**

# SUMÁRIO

<b>EDITORIAL</b>	<b>Sessenta anos de vida do DMA</b> <i>Giuseppina Teruggi</i>	<b>4</b>
<b>DOSSIÊ</b>	<b>De filhas a mães. “Mulher, eis aí o teu Filho”</b>	<b>5</b>
<b>PRIMEIRO PLANO</b> .....		
<b>UM OLHAR SOBRE O MUNDO</b>	<b>Primavera jovem na República Checa</b>	<b>9</b>
<b>ALMA E DIREITO</b>	<b>Estado vegetativo e suspensão da NIA</b>	<b>10</b>
<b>CONSTRUIR A PAZ</b>	<b>Corrida ao desarmamento</b>	<b>11</b>
<b>FIO DE ARIADNE</b>	<b>Maternidade e mais que isso.</b> <b>Relações que salvam</b>	<b>13</b>
<b>EM BUSCA</b> .....		
<b>CULTURAS</b>	<b>A justiça: virtude complexa</b>	<b>16</b>
<b>PASTORALMENTE</b>	<b>Uma regra a ser vivida</b>	<b>17</b>
<b>EM MOVIMENTO</b>	<b>O MJS na República Democrática do Congo</b>	<b>19</b>
<b>EM DIÁLOGO</b>	<b>Entrevista com Ir. Anna Maria Geuna e Ir. Rosa Mollo Freytas</b>	<b>20</b>
<b>COMUNICAR</b> .....		
<b>FAZ-SE PARA DIZER</b>	<b>Comunicação e narração ao feminino</b>	<b>21</b>
<b>MULHERES NO CONTEXTO</b>	<b>Uma mãe reencontrada</b>	<b>23</b>
<b>VÍDEO</b>	<b>O filho da outra</b>	<b>25</b>
<b>LIVRO</b>	<b>Rosa Cândida</b>	<b>26</b>
<b>MÚSICA</b>	<b>Pop ou rock? Hip-Hop!</b>	<b>28</b>
<b>CAMILLA</b>	<b>Jogar na defesa</b>	<b>29</b>



## 60 anos de vida do *DMA*

*Giuseppina Teruggi*

“A tradição é uma realidade viva, por isso inclui o princípio do desenvolvimento, do progresso. É como dizer que o rio da tradição carrega a sua fonte e tende na direção da fonte”, dizia o Papa emérito Bento XVI. Custodiar a história pessoal e a história da própria Família significa assumi-la, valorizá-la, aprofundá-la, torná-la viva e entregá-la ao futuro. Em total fidelidade, porque o olhar está sempre na direção da fonte.

No sulco da memória de um dom recebido em gratuidade e a ser “custodiado” com amor, neste número a *Revista DMA* é acompanhada por outra publicação com o título: **“A comunicação na história do Instituto das FMA”**. Como Âmbito para a Comunicação social escolhemos compartilhar um pedaço da nossa história para celebrar os 60 anos de vida da Revista, nascida com a intenção de sustentar o caminho educativo e a ação catequética das FMA, e publicada pela primeira vez no ano 1952-53, em Milão. Hoje o DMA realiza a tarefa de mediar as orientações do Conselho Geral e de ajudar as Irmãs no processo de autoformação. Empenha-se em aprofundar as temáticas dos Capítulos Gerais, em atenção constante à realidade da Igreja e do mundo.

É instrumento formativo que oferece a oportunidade de entrar em uma rede comunicativa: ela mesma é uma mediação de comunicação que se insere no curso da história de um Instituto – que é o nosso – essencialmente educativo e

comunicativo. Por isso acreditamos fazer um presente agradável a todas as Comunidades educativas, em particular às FMA, com uma publicação que refaz os passos do caminho realizado em atenção aos tempos e com o olhar no futuro. Um percurso de história cujas fontes estão em Valdocco e em Mornese.

O texto quer ser também um *agradecimento* a tantas Irmãs que nestes 60 anos acompanharam o surgir, o crescer, o qualificar-se da Revista.

Podemos afirmar que o DMA é Revista feminina e mariana. Nós, mulheres consagradas para a missão, queridas por Dom Bosco como “Filhas de Maria Auxiliadora”, vivemos hoje uma etapa favorável que nos permite penetrar e aprofundar o sentido da nossa tradição mariana e a identidade carismática, da qual Maria é “espelho”. O Convênio mariano que o Instituto celebra neste mês de setembro em Roma sobre o tema “Filiação: categoria que interpela a identidade mariana das FMA”, insere-nos de modo vivo no rio da longa tradição salesiana e abre a novas perspectivas de futuro, para uma renovada consciência do carisma recebido como dom.

*gteruggi@cgfma.org*



## De filhas a mães “Mulher, eis o teu Filho”

Martha Séide

Na conclusão da Encíclica “*Deus caritas est*”, Bento XVI convida a olhar para Maria, mãe do Senhor, como “espelho de toda a santidade” (n. 4). Acolhendo este convite, queremos confrontar-nos com Maria. Contemplá-la como espelho da nossa identidade. De fato, segundo os estudiosos, desde os tempos antigos, uma estreita conexão ligou espelho e identidade, pois várias e múltiplas são as implicações assumidas pelo espelho nos processos da formação do eu e da construção da identidade pessoal (cf BUCCHI F., *Specchio e identità personale: riflessioni pedagogiche* 2007).

A identidade é construída na interação com o outro e constitui o pressuposto de cada reciprocidade positiva e de cada relacionamento fecundo. Trata-se de uma identidade relacional e múltipla, concebida como conjunto dinâmico de diversos elementos. Desta premissa, emerge a valência educativa do espelho, que não é apenas emblema de identidade e simetria, mas contém também o inverossímil, o paradoxo, que na realidade não é visível e que é descoberto, à custa de riscos e de aventuras. Espelho e identidade revelam-se assim intimamente entrelaçados em percursos que desvelam na sua complexidade uma singular fecundidade em nível educativo, abrindo novas perspectivas e sugerindo itinerários formativos praticáveis em todos os níveis (cf *L.cit.*).

Afirmar que Maria é o espelho da nossa identidade é um convite a espelhar-se nela para reconhecer-se e reencontrar-se como cristão. Para nós Filhas de Maria Auxiliadora, é um chamado a confrontar-nos com ela como *filha, irmã e mãe*. Filiação, fraternidade/sororidade e maternidade são três dimensões tipicamente relacionais que remetem essencialmente à nossa identidade carismática a serviço das gerações jovens. Trata-se no fundo de tomar consciência, em profundidade, da nossa existência filial, fraterna e materna.

### Com Maria reconhecer-se filha do Pai

As fontes da Sagrada Escritura nos revelam que a filiação constitui a maior herança do ser humano. De fato, no desígnio de amor do Pai, mesmo antes da criação do mundo já existia o chamado universal para

sermos seus filhos (cf *Ef* 1, 3-6). Portanto, a primeira vocação do cristão é viver como filho do Pai. Maria viveu por primeiro esta experiência filial, pois foi chamada a uma comunhão única com o seu Filho divino, que tomou dela a sua humanidade. «Maria foi colocada na condição de total abertura e união com o Pai, realizando uma situação espiritualmente paradoxal: ela, de fato, não somente era filha do Pai, mas também mãe do Filho. A paternidade de Deus era vivida nela também como maternidade filial. E como o Filho era todo do Pai e todo voltado para o Pai, também Maria era toda do Pai e toda voltada para o Pai» (AMATO, 2000)

Na jovem mulher de Nazaré, filha predileta do Pai, além da imagem relevante de Deus, encontra-se a alta dignidade da criatura humana, chamada a responder na liberdade da fé ao apelo divino. Maria, como mulher livre e responsável ao responder prontamente no momento da anunciação, revela a vocação última da pessoa humana: a comunhão dialogal e amante com Deus Pai, por meio do Filho no Espírito (cf PEDICO, 2002).

A partir de sua experiência filial, Maria traça um percurso formativo para o crente convidando-o a entrar com mais consciência no projeto oriundo de Deus. Como filha predileta do Pai, ela convida a pessoa humana a acolher a paternidade de Deus e, por conseguinte, a reconhecer a própria identidade filial cercada pelo amor de Deus. Além disso, a experiência da paternidade de Deus leva cada pessoa a descobrir o seu ser criatura redimida por Cristo, em total gratuidade.

Deste modo, Maria, a nova filha de Sião, a plena de graça, constitui para a humanidade um exemplo de pessoa plenamente realizada porque recriada. Portanto, ela reentrega a criação à humanidade, seja como espaço de vida a ser custodiado e não abusado, seja como lugar de louvor a Deus e de serviço aos irmãos. Assim, o crente que experimenta a paternidade de Deus de acordo com o caminho mariano, reconhece-se filho no Filho e é chamado a assumir a dimensão filial da relação.

### Assumir a dimensão filial da relação

A acolhida da filiação como vocação requer em primeiro lugar o empenho de assumir a condição filial como categoria antropológica. Isto significa que não estamos na origem de nós mesmos, mas somos “originados”, “gerados”, e, portanto somos chamados a aceitar vivenciar sentimentos de dependência, de gratidão, de obediência. Na escola de Maria, ser filha é ser a resposta alegre e plena de amor a um Amor que nos precede.

Nesta relação tão envolvente, pode-se encontrar o sentido profundo dos conselhos evangélicos para uma pessoa consagrada em um Instituto mariano. Ela se torna capaz, como Maria primeira discípula, de abandonar-se na fé ao amor exclusivo do Pai no seguimento do Filho. Realmente, a certeza de que Deus Pai a havia pensado com amor desde a eternidade suscita nela aquela confiança/abandono filial que lhe permite responder «sim» ao anúncio do Anjo.

A dimensão da pobreza/pequenez é acolhida e vivida com serenidade porque precisamente no seu ser pobre, Maria descobre o motivo da predileção do Pai e por isso responde com sentimentos de louvor e de gratidão cantados no Magnificat.

Assumindo a dimensão filial da relação no Filho, o crente instaura um novo modo de relação consigo mesmo, com o mundo, que converge precisamente no amor mútuo. Portanto, a filiação assumida e vivida como vocação leva-nos à plenitude da nossa humanidade, aperfeiçoa as nossas qualidades relacionais, qualifica a nossa relação com a criação e com a história. Na realidade, restitui-nos a harmonia originária da comunhão com o Deus trinitário, com a comunidade dos homens vistos como irmãos e com o cosmo considerado um bem precioso a ser custodiado e não negociado.

Além disso, a participação no mistério Pascal é um elemento essencial da condição filial. Maria e João são testemunhas confiáveis em sua capacidade de permanecer em silêncio aos pés da cruz e acolher o dom da filiação/maternidade que se torna um dom universal: Maria, Mãe da humanidade e em João, todos somos filhos.

A singularidade de Maria como mulher crente, pela qual é constituída *mãe* na fé, não a fecha no isolamento, mas a torna *irmã* que, com amor, se coloca ao lado de cada discípulo e o acompanha com solicitude no caminho da vida, para educá-lo à acolhida do evangelho. Portanto, a filiação é pressuposto fundamental para a vivência da fraternidade.

### **Filiação aberta à fraternidade**

Se a vocação de cada ser humano realiza-se no ato de assumir a condição filial, a fraternidade é uma

consequência lógica deste fato. A consciência da paternidade universal implica a acolhida de todos os seres humanos como irmãos e irmãs. Filiação e fraternidade encontram-se numa única relação que orienta a pessoa na sua relação com Deus e com o próximo. Afirma o Papa Francisco que nenhuma criatura é filho único; portanto, se não se pode viver como irmãos, dificilmente se poderá tornar filho (cf Homilia 20 de junho de 2013).

Trata-se de um liame que impele a viver uma relação solidária e responsável com o outro, no respeito, na compreensão, no amor feito dom generoso de si. Quando as pessoas aprofundarem os seus relacionamentos sobre estas realidades, então acontecerá a civilização do Amor. Maria como nossa *irmã*, indica-nos o caminho.

### **Como Maria nossa irmã**

Segundo a marióloga Maria Marcellina Pedico, Maria é *nossa irmã* por vínculos de natureza e de graça: a sua fé é a nossa fé, a sua esperança é a nossa esperança, o seu serviço ao Senhor é aquele que cada um de nós é chamado a exercer. Enquanto irmã, Maria fez-se próxima dos seus e se fez companheira de todos nós. Eleita por Deus para ser mãe do Verbo encarnado, é uma irmã do povo redimido por Cristo, seu Filho. Por conseguinte, vínculo de sororidade que a liga à estirpe de Adão e a torna solidária com cada pessoa. Os teólogos nos ajudam a ter uma maior consciência ressaltando quatro razões básicas da sororidade:

- Maria é criatura, faz parte do cosmo, tem a mesma origem, tem a mesma meta das outras criaturas;
- é verdadeira filha de Adão, privilegiada: compartilha portanto conosco a natureza humana, submissa à experiência da dor e ao mistério da morte, mas tendendo para a plenitude da vida, da verdade, do amor;
- é filha de Abraão: pertence, portanto à descendência do povo eleito e conosco reconhece em Abraão o «nosso pai na fé». É o mais excelso fruto da redenção (SC 103): como nós, portanto, foi redimida por Cristo, mesmo se «de modo sublime» (LG 53) e diferente;
- é membro eminente da Igreja (LG 53): conosco e como nós vive no espaço de comunhão criado pelo Espírito.

Destes pressupostos, a sororidade de Maria, é um chamado dirigido a todos os cristãos e aos de vida consagrada em particular, para qualificar a relação fraterna construindo comunidade-comunhão.

### **Qualificar a relação fraterna**

Em Maria irmã, a relação em comunidade faz-se proximidade, acompanhamento recíproco e partilha de vida. As pessoas consagradas sentem Maria próxima no seu caminho de fé, nas modalidades existenciais do

seguimento de Cristo, na determinação para viver de modo estável o mandamento do amor fraterno.

Segundo Pedico, para Paulo VI mais que um título, a expressão “nossa irmã” indica uma realidade que põe Maria diretamente em relação conosco. Realidade que exprime e apresenta a pessoa humana de Maria, o seu ser mulher inserida em uma comunidade de homens e mulheres, solidária com cada irmão e cada irmã com quem compartilha alegria, esperança, medo, dificuldade. É uma irmã única, excepcional, mas sempre verdadeira irmã.

Com ela podemos aprender a ser em comunidade irmãs capazes de realizar, apesar do cansaço, o verdadeiro clima de família onde cada uma procura sempre acolher as irmãs com respeito, estima e compreensão, em atitude de diálogo aberto e familiar, de benevolência, de verdadeira e fraterna amizade; valorizando o que elas trazem para a comunidade e dando o melhor de si para construir no dia a dia a casa-comunhão (cf *Cost FMA*, art. 50).

### **Construir juntos a casa-comunhão**

A irmã que encontra em Maria uma Irmã maior, no discipulado de Cristo o Filho, empenha-se em identificar-se com Ele, vivendo os seus mesmos sentimentos para construir juntos, a casa-comunhão. O documento *A vida fraterna em comunidade* faz uma síntese disso quando ressalta que a fraternidade não é um processo automático pelo simples fato de estar juntos em uma mesma comunidade, é um longo caminho de conversão e de ascese para se tornar irmãos e irmãs: «Do dom da comunhão brota o dever de construir a fraternidade, isto é, de se tornar irmãos e irmãs em uma determinada comunidade onde todos são chamados a viver juntos, como irmãos. Do fato de aceitar com admiração e agradecimento a realidade da comunhão divina que é participada pelas pobres criaturas, provém a convicção do empenho necessário para torná-la sempre mais visível por meio da construção de comunidades “plenas de alegria e de Espírito Santo” (At 13, 52)» (VFC n. 11).

Se ainda hoje, as dificuldades relacionais continuam sendo o problema maior das nossas comunidades, é sinal de que é preciso ter coragem para uma sã avaliação e ousadia para ativar as estratégias adequadas para melhorar a situação. É uma questão vital, «toda a fecundidade da vida religiosa depende da qualidade da vida fraterna em comum» (VFC n. 71). O caminho é claro, ou aceitamos ser estéreis solteironas ou decidimos firmemente viver como mães fecundas. Não seria também uma das causas pelas quais as jovens gerações tendem a usufruir dos nossos serviços e a não compartilhar da nossa vida? Maria de Nazaré, mulher de relacionamento fértil, ensina-nos o caminho da maternidade fecunda.

### **Tornar-se mãe com Maria**

“Filha” e “irmã”, cheia de confiança no projeto de Deus e aberta à humanidade, Maria mereceu tornar-se Mãe de Jesus e de toda a humanidade. As palavras de Jesus sobre a cruz, “Mulher, eis aí o teu filho!”, e ao discípulo “Eis tua mãe!” vêm confirmar a singularidade e a universalidade desta maternidade. Segundo o notável teólogo jesuíta Jean Galot, o dom de Maria por parte de Jesus é completo. Ele a chama “mulher” e a institui mãe com uma *nova maternidade*. Esta nova maternidade tinha um alcance singular, porque era relativa a um só discípulo. Mas por meio deste discípulo, devia comportar uma relação com cada discípulo, e assumir assim um *valor universal*.

Além disso, dada a circunstância da entrega, a novidade é assinalada pelas dores de um novo parto. Jesus sobre a cruz parece convidar sua mãe sofredora a depor a dor para redescobrir sua maternidade mais autêntica, sua capacidade de amar. O biblista, servo de Maria, P. Ermes Ronchi afirma de modo eficaz: «Em nome da maternidade, Maria é ajudada a depor aquela dor que queria ser totalizante e a passar a um novo filho, a um novo amor. Esta é a Páscoa de Maria: maternidade ferida e ressuscitada. Ferida e multiplicada». É um convite a viver a vocação materna como um recurso para proteger, custodiar e fazer reflorescer a vida onde a morte prevalece.

Hoje vemos dificuldade para gerar, antes, não se quer mais gerar, porque significa sofrer as dores do parto. Maria aos pés da cruz, escutando o Filho, aprende a maternidade hospitaleira e fecunda.

Dela aprendemos a ser casa acolhedora para os jovens, crente alegre; maternidade ferida pelos sofrimentos do nosso mundo, mas capaz de gerar, porque acolhida com amor. Maria é a nossa mãe porque gera a nossa identidade de filha, irmã e mãe e nos convida a acolher, a seu exemplo, a maternidade como dom.

### **Acolher a maternidade como dom**

A entrega do discípulo a Maria, e de Maria ao discípulo no Gólgota, ajuda-nos a compreender o valor da maternidade como dom porque ser mãe é a eterna vocação de Maria. O dom de Maria como mãe dos discípulos é o último dom feito por Jesus antes da morte. É o seu testamento.

Acolher a maternidade como dom implica em primeiro lugar, gratidão e empenho. Gratidão pelo seu amor infinito, que quis compartilhar conosco o seu tesouro mais precioso: sua Mãe, que recebe a missão de cuidar de nós como de um filho. Além disso, agradece-se também porque a partir desta entrega feita pelo Filho, estamos associados à missão materna com a tarefa de sermos também nós mães para todas as pessoas que encontrarmos na estrada da vida.

Neste sentido, a maternidade é um dever destinado a gerar vida em todas as suas manifestações de amor, de serviço, de perdão, etc. Trata-se de uma maternidade em missão, isto é, nos caminhos da evangelização.

### Assumir a maternidade como missão

Desde o início, a maternidade foi acolhida por Maria como uma missão. Basta pensar na pressa do caminho para Ain Karim, e na solicitude nas núpcias de Caná, para compreender o estilo ativo, empreendedor, decidido e criativo de Maria. Como primeira evangelizada torna-se a primeira evangelizadora, o protótipo de todos os missionários do Evangelho. A Igreja missionária encontra em Maria um modelo extraordinário e é chamada a adequar o próprio passo ao seu ritmo.

A missão de Maria como Mãe, desenvolveu-se na obra típica da educação de Jesus, levada adiante corresponsavelmente com José, o pai adotivo. Neste sentido, aquela que era a geradora de Deus foi também a sua educadora. Galot o confirma fortemente: «A mulher que, sendo Mãe de Deus, educou o Filho de Deus, exerce ainda uma influência sobre a vida espiritual da humanidade com os frutos produzidos em Cristo pela sua educação materna». Deste ponto de vista, as comunidades educativas têm de aprender o estilo educativo mariano para fazer crescer as jovens gerações segundo a lógica evangélica.

A nova maternidade também foi confiada a Maria como uma missão. Trata-se de uma missão singular voltada ao acompanhamento dos filhos/discípulos para efetuarem a missão do Filho. Na acolhida do discípulo abrem-se perspectivas para um caminho progressivo de identificação com ela no culto, na interiorização de suas atitudes para ser como ela, filha, irmã e mãe. Neste sentido, assumindo Maria como espelho da nossa identidade pode-se ter uma vida fecunda por meio de uma renovação carismática em favor da nova evangelização.

MARCA



LIVROS

«A maternidade é hospitalidade que parte em peregrinação rumo aos irmãos. Esta é a atitude suprema, esta a brecha aberta no assédio da dor, esta a peregrinação rumo ao outro que deveríamos tentar prolongar. Cura os outros e curarás tuas feridas. Ilumina os outros e te iluminarás (Is 58). Dessentida os outros e a tua sede se aplacará. Quem olha só para si nunca se ilumina, nunca ressuscita [...].

O mundo é um imenso pranto, mas olhando para o calvário podemos dizer também que é um imenso parto, e que nos fala do misterioso liame que a dor tem com a maternidade e com a novidade. O novo nasce sempre com dor.

O grito vitorioso da criança que vem à luz é um grito de sofrimento, mas dominado pela vitória da vida; angústia vencida pela alegria da natividade e da maternidade. A nossa vocação é a mesma de Santa Maria, uma maternidade universal: custodiar, proteger, cuidar, amar. Todos nós temos uma tarefa suprema que é custodiar vidas com a nossa vida. Sobretudo as vidas frágeis.

Maria, não mais mãe porque seu filho está morrendo, volta a ser mãe: «Eis o teu filho»; mãe de maternidade ferida: um filho morre; maternidade curada: «Eis o teu filho»; maternidade multiplicada: todos nós somos seus filhos».

(Extraído de Ronchi E., *Le case di Maria*, 121 – 122).

«A redescoberta de Maria como filha predileta do Pai deve significar para nós, a redescoberta da nossa verdadeira identidade de “filhos de Deus”. Invocar Deus como Pai é para cada um de nós reencontrar a nossa verdadeira identidade de homens novos criados à imagem e semelhança de Deus, e recriados como seus filhos adotivos em Cristo, por meio também de Maria, a predileta» (Mario Cimosi).

mseide@yahoo.com

## dma primeiro plano:

Aprofundamentos bíblicos,  
educativos e formativos





# Primavera jovem na República Checa

*Marie Kucerová*

A República Checa tem hoje pouco mais de 10 milhões de habitantes, com uma média de idade que a identifica como um país jovem. A sua capital, Praga, possui uma história milenária, rica de cultura e centro europeu de intercâmbio entre jovens universitários provenientes de toda a Europa. A República Checa nasceu junto com a Eslováquia, no dia 1º de janeiro de 1993, da pacífica cisão da Checoslováquia, que desde 1990 havia assumido o nome de República Federativa Checa e Eslovaca.

Nestes 20 anos de independência e democracia muitas coisas mudaram. O comunismo havia tentado esmagar a riqueza cultural do povo Checo, sem conseguir totalmente. Forte na própria consciência histórica e nas próprias raízes culturais, o povo checo soube conservar a sua própria identidade, cultivando sempre os ideais de liberdade e de independência. Isso graças também à presença de líderes que souberam oferecer amplos horizontes e grandes ideais.

Como em todo totalitarismo, quem detém o poder, tem medo do livre pensador e, sobretudo tem medo de quem faz escolhas seguindo a própria consciência. Eis porque há sempre a tentativa de querer zerar todo sentimento religioso. Hoje, não obstante haja liberdade de expressão religiosa, mais da metade da população declara-se atea.

Os jovens nascidos depois da independência conhecem as consequências do comunismo somente pelos relatos de seus pais, que conservam na lembrança os sofrimentos dos anos difíceis, mas também a beleza de terem sabido lutar por um ideal de liberdade, conquistada sem guerra.

A crise atual da economia, e em geral a crise antropológica que afetou diversas sociedades da Europa, não deixou fora os jovens da República Checa. Realmente, terminados os estudos muitos deles esforçam-se para encontrar trabalho e, frequentemente, devem contentar-se com aquilo que lhes é oferecido, precisando abandonar os próprios sonhos e deixar de lado as competências conquistadas nos anos de estudo. Deste modo é difícil fazer projetos duradouros. Vive-se para a jornada, e isso pode apagar os sonhos. Os adolescentes, em vez, vivem situações

muito difíceis nas próprias famílias. Há muitos casais divorciados, muitas separações dolorosas, sobretudo para os filhos.

### **O que ameaça a esperança**

Um fenômeno que está assumindo dimensões preocupantes é a dependência do álcool, do fumo, das drogas. Para os jovens é frequentemente uma fuga dos próprios problemas, um modo de não pensar, de experimentar emoções fortes que, às vezes torna-se o único modo de se sentirem vivos. Muitas vezes não têm com quem falar, seus pais ficam muito presos aos próprios problemas e ao trabalho e não têm mais tempo para os filhos.

Mas estes jovens continuam a sonhar com a liberdade. Uma liberdade pessoal que lhes permita sonhar e construir autonomamente o próprio futuro. Mas também uma liberdade social porque percebem que, com frequência, são escravizados às leis de mercado, a serviço de uma economia que se torna cada vez mais desumana. Eles querem que os adultos se interessem por eles. Querem ser acolhidos assim como são, e sentem um grande desejo de serem amados.

O que os torna mais felizes é o interesse de outras pessoas, o amor sincero. Alguns buscam a felicidade consumando experiências, praticando o consumismo, divertindo-se de modo desenfreado. Mas todas estas coisas provocam neles um sentimento de insatisfação. Ao invés disso, quando conseguem ser úteis, colocar-se a serviço dos outros e se percebem importantes para alguém, então experimentam um sentimento de profunda alegria. Eis porque aderem com entusiasmo ao voluntariado e aos serviços que lhes são propostos.

Frequentemente sua esperança está ameaçada. Muitas vezes são espectadores de acontecimentos desconcertantes, e se deparam com exemplos de adultos que fazem escolhas erradas.

O sentido da vida em comum é ameaçado por uma gestão política da vida pública que está passando por um momento de crise. E isso tolhe a confiança ao pensar em construir um futuro melhor. Também o fato

das incertezas de uma família sólida, abala a sua segurança. Olham para o amanhã e vislumbram nuvens que lhes criam dificuldades.

Como a maioria dos jovens europeus, são muito abertos às partilhas interculturais; a solidão que frequentemente experimentam na própria pele, incentiva-os a se concentrarem nas amizades entre iguais por isso utilizam muito as redes sociais para se sentirem fazendo parte do grande mundo que com frequência muda velozmente.

A maneira como se vestem, os locais que frequentam, a música que escutam, são todos indicadores do grupo ao qual pertencem.

Tudo isso se torna um contexto no qual a presença das fma é desafiada a intervir, escutar, compreender. São jovens que precisam de atenção, de acolhida, de pessoas que lhes indiquem um caminho de esperança e de futuro. Precisam de quem acredite neles tenha confiança neles. De quem aposte na sua capacidade de construir uma sociedade fundada nos valores modernos da solidariedade, do respeito às diferenças, do intercâmbio cultural, da amizade entre os povos.

## ALMA E DIREITO



# Estado Vegetativo e suspensão da NIA

*Rosaria Elefante*

A consciência é a função do sistema nervoso central que permite ao ser vivo perceber o ambiente que o cerca e a si mesmo.

O estado vegetativo (EV), caracterizado pela perda importante de algumas funções cerebrais, é um dos possíveis resultados do “coma”. A situação clínica do paciente é estável, com funções vitais autônomas: dorme e acorda regularmente, respira sozinho, não está ligado a nenhuma máquina, tem uma boa atividade cerebral e, sobretudo, não é um doente terminal. Frequentemente consegue também engolir, mas empregaria muito tempo para comer e beber com os talheres comuns e, se algum fragmento de comida for errado, existe o risco de uma “pneumonia por ingestão”, muitas vezes letal. Por isso as pessoas em EV geralmente são nutridas por sonda (naso-gástrico, ou com a PEG). Uma pessoa em EV não demonstra ter relação com o mundo externo, e por isso a sua condição é definida com a perda da consciência. Mas a consciência não é um parâmetro mensurável nem muito menos quantificável, como a pressão do sangue ou o nível de glicemia.

Ainda não é possível indicar, no interior do cérebro, onde reside a consciência e, portanto não é possível

estabelecer correlações certas, por exemplo, entre as partes lesionadas do cérebro e a perda da consciência de si.

Utilizar, portanto a falta de consciência para definir o EV não é conveniente, pelo simples fato de que não se pode avaliar a presença ou não de consciência em uma pessoa, e muito menos mensurá-la.

A pessoa que está em EV é, em suma, alguém que uma vez alcançada uma condição de estabilidade clínica, não é mais para ser considerada “paciente enfermo”, mas sujeito com gravíssima deficiência, devido a uma vida de relação profundamente comprometida e pela total impossibilidade de vida autônoma. É exatamente esta situação que impõe, pela sua mesma natureza, múltiplos e delicadíssimos problemas, não apenas médicos, mas também e sobretudo deontológicos e jurídicos, em uma palavra, bioéticos.

É certo pedir para interromper a NIA, isto é, a alimentação e hidratação “assistida” (através da sonda) para quem está em estado vegetativo? Existe uma fronteira entre a suspensão e a eutanásia ou não? Quem, enfim, é legitimado a transmitir este pedido em nome de alguém que está em estado vegetativo e,

sobretudo, o é realmente? Questionamentos ressaltados há algumas décadas no debate internacional sobre a questão, reacendidos depois que as descobertas científicas demonstraram como pelo menos 40% dos diagnósticos de EV estavam errados e como alguns pacientes retomam contato com o ambiente mesmo para além dos limites temporais convencionalmente previstos.

Já são inumeráveis as sentenças em todo o mundo que acolhem ou rejeitam o pedido de suspensão da NIA com os motivos mais extravagantes e menos consistentes possíveis, como nenhum outro ramo do direito já viu, criando um descontentamento comum tanto a respeito do direito, como da medicina, mas, sobretudo criando grande confusão na coletividade.

No âmbito da medicina as orientações são diversas e nunca uniformes, também porque são muitas vezes provenientes de médicos que não se ocupam de pessoas em EV.

Juridicamente, a interrupção da NIA contém os extremos da “eutanásia passiva”, pois representa uma forma de omissão da terapia, que teria procrastinado a morte do paciente, da qual é responsável o médico que, contudo, tem a obrigação de cuidar, sobretudo de quem está inconsciente. Esta obrigação só pode ser afastada quando a *utilidade* e a *proporcionalidade* da terapia médica não forem capazes de produzir um bem para o paciente ou quando houver um desacordo real.

No caso de estado vegetativo, de agora em diante, embora seja gravíssimo o comprometimento da atividade cerebral, é impossível qualquer argumentação voltada a legitimar uma condição de morte, resultando então o dever e a obrigação de cuidar. Bem como, não se pode considerar a nutrição e a hidratação um tratamento agressivo, sendo simples atos para a satisfação de necessidades primárias. É impossível, portanto, compreender por que com muita

frequência na sustentação da vida são detectados os contornos de uma ofensa à *dignidade* humana.

Então, se a matemática é um conceito comparável à matéria jurídica, o mesmo não se pode realmente dizer da magmática arte médica. As certezas e a tenacidade em âmbito bioético são, a meu ver, fontes de perigosos imobilismos e de paradoxais situações não certamente caracterizadas pela coerência.

Embora determinados limites, que visam à proteção do homem, como pessoa, seja ele paciente, seja ele médico, devam ser postos pelo legislador, não podem senão ser o fruto de um exigente, sereno e igualmente sincero diálogo bioético, suscetível de personalização e, no entanto, disponível a contínuas revisões, que não podem ser consideradas estáticas e fixas.

É provável que o *sofrimento insuportável* – do qual falam os promotores e os sustentadores da eutanásia – não seja o sofrimento dos enfermos (nos quais nutrição e hidratação junto com os cuidados paliativos adequados, ao contrário, sustentam realmente a dignidade), mas aquele de quem fixa o olhar sobre eles, os assiste, os trata e de quem, diante do sofrimento humano, mesmo gozando de ótima saúde, teme, e reconhece nele, um apelo excessivamente direto à própria limitação e, então, ao terrível medo da própria morte.

Nenhum ser humano pode, nem deve, ter tanto poder sobre o outro (na realidade nem sobre si mesmo) ao ponto de escolher a seu gosto a morte como instrumento para obter benefícios de qualquer tipo e nem a eliminação do sofrimento.

Difícilimo acompanhar “no morrer”. Precipitado o acompanhamento “para morrer”.

*rosaria.elefante@virgilio.it*

---

## CONSTRUIR A PAZ



# Corrida ao desarmamento

**Julia Arciniegas**

A corrida ao desarmamento tem um polo oposto, contraditório: a corrida aos armamentos, tanto nucleares como convencionais. Depois da queda do

muro de Berlim, muitos Estados enriqueceram o próprio arsenal bélico. Confirmam a intensidade deste

fenômeno a última denúncia do *Instituto de Estocolmo*

Os dados permitem afirmar que, no contexto da crise hodierna, o mercado das armas é o único não só a ser excluído, mas a elevar as cifras. De 2008 a 2012, entre importações e exportações, a despesa global em armas passou de 56,5 a 73,5 bilhões de dólares.

No último quinquênio, as exportações da indústria bélica de Pequim aumentaram 162% em relação ao período precedente. Assim, no topo da classificação, está a China seguida pela Índia, Japão, Austrália e Coreia do Sul. Todavia, mantendo a primazia no mercado mundial das armas estão sempre os Estados Unidos com uma cota equivalente a 30% da exportação global. Depois vem a Rússia, enquanto a Alemanha, a Itália e a França seguem a devida distância. Muito altos são os números da África: no último quinquênio as importações do Continente cresceram 104% com relação aos cinco anos precedentes.

### Um passo rumo à transparência?

Com o apoio de 154 Estados, a Assembleia geral das Nações Unidas, no dia 2 de abril de 2013, aprovou o *Tratado sobre o comércio das armas* (ATT). O texto, fruto de discussões que duraram anos, servirá para regulamentar este comércio em nível internacional, criar normas para as transferências com o intuito de diminuir a venda de armas, na tentativa de disciplinar também do ponto de vista “moral” a compra e a venda.

«Um passo importante, mas atenção aos limites que contém o *Tratado sobre o comércio das armas convencionais* – é a advertência de Monsenhor Silvano Maria Tomasi, observador permanente da Santa Sé junto à Onu de Genebra. É um passo muito positivo, porque o objetivo é procurar proteger a vida humana e facilitar o respeito aos direitos humanos. É também a ocasião propícia para uma ação de convergência ecumênica porque, além da Santa Sé, várias denominações cristãs também se colocaram em sintonia. Mas há, também, limites bastante fortes neste Tratado. Em primeiro lugar, não é um mecanismo de controle e, além disso, existem possibilidades de caminhos transversais para realizar o mesmo tráfico de armas». (Cf. *Radio Vaticana*, 04.04.2013).

### Da potência militar à potência do serviço

O desarmamento militar e bélico requer decisões políticas e, antes ainda, uma grande conversão de tipo cultural e ético: a passagem da potência (impotência) militar à potência do serviço.

para a busca da paz (Sipri).

«A Doutrina Social da Igreja propõe a meta de um desarmamento geral, equilibrado e controlado. O enorme aumento das armas representa uma grave ameaça para a estabilidade e a paz. O princípio de suficiência, em virtude da qual um Estado pode possuir unicamente os meios necessários para a sua legítima defesa, deve ser aplicado tanto pelos Estados que compram armas, como por aqueles que as produzem e as fornecem» (Compêndio DSC, 508). E em ordem a este princípio propõe alguns critérios que salvaguardam a dignidade da pessoa humana e das populações ameaçadas pela violência e pela guerra. Entre eles:

- o desarmamento deve estender-se à interdição de armas que impõem efeitos traumáticos excessivos ou que afetam indiscriminadamente, bem como à das minas terrestres, que continuam a afetar as pessoas muito tempo depois do término das hostilidades;
- medidas apropriadas são necessárias para o controle da produção, da venda, da importação e da exportação de armas leves e individuais, que facilitam muitas manifestações de violência;
- a não proliferação das armas nucleares, juntamente com as medidas para o desarmamento nuclear, como também a proibição de testes nucleares, são objetivos estreitamente ligados entre si, que devem ser alcançados em breve tempo através de controles eficazes em nível internacional;
- a proibição do desenvolvimento, produção, acúmulo e emprego das armas químicas e biológicas, bem como as medidas que exigem a sua destruição, deve ser absolutamente respeitada (Cf. *ivi*, 508-512).

### Educar é desarmar

Neste problema, como em todos os outros que se devem enfrentar, a educação tem um papel prioritário. O desarmamento mundial implica um processo educativo que começa com o desarmamento do próprio coração e culmina nas relações interpessoais, internacionais, baseadas no diálogo, no respeito, na proposição afirmativa, e favorecem a resolução dos conflitos de modo absolutamente pacífico.

## Como a nossa comunidade exprime o empenho pela paz?

Desde sua chegada a Adwa as FMA, provenientes de diversas nações, procuraram colocar-se a serviço de todos: etíopes, eritreus, ortodoxos, muçulmanos e uma exígua minoria de católicos. Atualmente na comunidade somos 9 Irmãs de 6 nacionalidades, e compartilhamos diariamente a paixão educativa com 9 leigos italianos, um colombiano e com 150 irmãos e irmãs etíopes, na maioria mulheres.

As pessoas que entram em contato conosco perguntam-se como é possível que gente tão diferente seja capaz de viver junto. Na Etiópia, como em tantos países africanos, existe um tribalismo marcante que levanta muros, alimenta preconceitos e não permite que se olhem como irmãos e irmãs, com a mesma dignidade e os mesmos direitos. Nossa presença é então uma mensagem positiva sobre a riqueza da diversidade e isso constitui um ótimo terreno onde muitas crianças, adolescentes e jovens são constantemente acompanhados para aprenderem o respeito, o diálogo, a partilha, a paz.

Na escola rezamos diariamente a oração de São Francisco pela paz, traduzida em língua *tigrina*, e depois através do acompanhamento educativo para crianças, professores e pais, nos ajudamos a viver juntos, relações serenas e positivas.

*Ir. Ruth del Pilar Mora, fma*

## FIO DE ARIADNE



## Maternidade e mais que isso. Relações que salvam

*Maria Rossi*

O estar no mundo, o nascer, não deriva de uma escolha, mas da decisão ou da ocasião de encontro entre duas pessoas: geralmente um pai e uma mãe. Digo geralmente porque, atualmente a engenharia genética está experimentando outros caminhos. *Filhos e filhas*, de qualquer maneira, *nascem*. Não é um direito, nem um dever e nem mesmo uma eventual banalidade. Estar no mundo, ser filhas/filhos é uma aventura original, inédita, com percurso e ancoradouro desconhecidos, mas com horizontes ilimitados pelo amor e pela liberdade.

*Mães e Pais*, em vez, tanto em nível físico, como espiritual, não nascem, mas se *tomam tais*, às vezes por erro ou por sorte, mas geralmente por escolha.

Chega-se por meio de um processo de crescimento com percurso marcado por crises e por pontos de chegada jamais totalmente definitivos. Cada etapa alcançada abre a uma sucessão de etapas, até o último ancoradouro: a morte.

A estagnação é somente na solene imobilidade da morte.

Uma das etapas importantes do crescimento é a elaboração da identidade pessoal: tarefa evolutiva principal da adolescência e da juventude. É facilitada pela confiança em si que leva a aceitar-se por aquilo que se é fisicamente, moralmente, psiquicamente e a apropriar-se da própria história qualquer que ela seja. Para uma religiosa, a escolha da vida consagrada faz parte da própria história e é muito importante que também este aspecto, como todos os outros, seja plenamente assumido e não fique como algo justaposto, em suspenso.

Uma elaboração positiva da própria identidade pessoal reforça a estima e a confiança em si, permite abrir-se aos outros sem medo e sem sentimentos de inferioridade, entrar em relação profunda sem confusões, gerar fisicamente ou espiritualmente e cuidar de quem se gerou ou que foi gerado por outros.

## **A maternidade transforma a vida**

O evento da maternidade, que não consiste somente em gerar, mas também em cuidar do gerado, transforma a vida. Isso é muito evidente na maternidade física, mas não só. Quando nasce uma criança os pais se transformam. Abandonam com certo esforço, mas sem fazer pesar muito, as comodidades, os horários, o tempo do sono e das refeições para adequar-se às exigências de atenção, de presença e de cuidado do recém-nascido. A dedicação materna e um pouco também a paterna, acompanhada de uma constante ternura, não é fácil, nem automática, como às vezes tende-se a crer. É incômoda. De fato, o medo da fadiga exigida por estas atitudes, unido aos riscos que cada maternidade comporta, atualmente induz muitos casais a reduzirem drasticamente o número dos filhos ou até rejeitá-los. Também na vida consagrada existem eventos que, mais que outros, requerem atitudes maternas, solicitam e facilitam a sua explicitação e respondem ao desejo de maternidade que a pessoa madura adverte como uma exigência profunda. Trata-se sobretudo de assumir responsabilidades. Assumir responsabilidades, quaisquer que elas sejam, geralmente estimula a dar um salto de qualidade. Quando se observam as pessoas, nota-se com certa facilidade, como o jovem de boa aparência se torna um homem pensativo e responsável e a filha, a senhorita, torna-se, na maioria das vezes mulher atenta e realista. Assim também a Irmã.

Quando uma Irmã se torna animadora de comunidade ou de um grupo de jovens ou de uma obra (oratório, escola, casa família, palestra, catequese e outros) ou se torna responsável de um setor (cozinha, rouparia, enfermaria, economato, oficina e outros), em geral tende a antepor às suas exigências, as necessidades das pessoas que lhe são confiadas ou as do setor do qual é responsável.

Não é difícil observar como, de modo análogo ao dos pais de um recém-nascido, os horários tendem a se tornar mais flexíveis, a necessidade de dormir oito horas pode ser desconsiderada, a luz do estudo se apaga quando tudo está no lugar, a tranquilidade nas refeições e os momentos de distensão são para quando forem possíveis. A preocupação materna com o crescimento e o bem estar daqueles dos quais se é responsável, leva a colocar em segundo plano as próprias exigências e isso, ao menos segundo a minha experiência, sem excessiva fadiga, antes, com alegria.

O que se torna importante é criar um clima de confiança em que os jovens, as jovens, as crianças, as famílias dos quais se é responsável, possam crescer serenas, dedicar-se com constância aos seus empenhos, abrir-se aos outros e caminhar livres rumo à construção de projetos de futuro capazes de tornar o

mundo mais justo e solidário. Se as pessoas confiadas são Irmãs, a responsável procura essencialmente criar aquele clima de corresponsabilidade que lhes permita sentir-se valorizadas, caminhar felizes ao encontro do Senhor e dedicar-se com entusiasmo à missão educativa. E, tudo isso, experimentando a inevitável fadiga como um peso leve, porque carregado de sentido, gerador de bem-estar e de vida.

Porém, o fato de apenas assumir responsabilidades, sem sustentá-las com uma suficiente maturidade pessoal e uma discreta preparação profissional, não é suficiente para garantir e facilitar a maternidade. Poderia, como às vezes acontece, tornar-se um meio para fazer emergir a tendência à autorreferência, ao domínio, ao controle, à organização asfixiante. Atitudes estas que, em vez de gerar vida, criam um clima de suspeita, desconfiança e mal-estar.

A maternidade é possível em qualquer situação. Às vezes, porém, a falta de solicitação ou aceitação para assumir o comando de um setor, de um grupo, cuidar de um jardim, de uma coisa qualquer, pode acentuar a tendência a permanecer filhas passivas e a trocar a obediência por uma estéril dependência infantil.

## ***Permanecer mães voltando a ser filhas***

O atual fenômeno do prolongamento da vida está pedindo a um número sempre maior de pessoas, para permanecerem mães e contemporaneamente a aceitarem voltar a ser *filhas* no sentido de precisar depender dos outros, às vezes não apenas fisicamente. É um dever difícil, não somente por parte da mãe que permanecendo mãe torna-se filha, mas também por parte da filha que, permanecendo filha, torna-se mãe da mãe.

O que salva são as relações próprias de quem alcançou a sabedoria. A pessoa sábia, haurindo força de uma profunda relação com Ele; de uma visão ampla, experimentada e destacada da realidade, mas sempre interessada pela vida mesmo diante da morte; de uma boa relação consigo mesma e também de um pouco de humor, consegue manter e potencializar as habilidades sociais. E, com estas habilidades, pode realizar relações interpessoais serenas, relações empáticas, cordiais, respeitadas, gratas, que permitam manter a sua dignidade de mãe também defronte à ineficiência física e à necessidade de cuidado. Ao mesmo tempo, os bons relacionamentos facilitam a tarefa das filhas, das enfermeiras, dos que prestam serviço no plantão.

## ***Relações maternas. Fraternidade universal***

A maternidade é a mais elevada forma de relacionamento. Tem seus custos, mas gera confiança, esperança, bem-estar, liberdade, ternura, amor, vida. Tem sustentação e remete ao mistério de Deus Pai e Mãe, à comunicação-comunhão Trinitária.

Os relacionamentos interpessoais, em suma, as relações, são de fundamental importância na vida. É mãe aquela que gera, mas talvez o seja mais ainda aquela que cuida do gerado e, por meio de boas relações o introduz gradualmente no mundo. Nasce-se de uma relação e se cresce por meio das relações de cuidado.

A gente se torna livre, não quando se rompem as relações acreditando-se autossuficientes, mas quando se conquista a consciência das possibilidades e também dos vínculos de interdependência que se estabelecem com quem nos precedeu e com quem veio depois de nós.

Atualmente, como nunca, vai-se evidenciando a exigência de relacionamentos positivos em todos os âmbitos da vida. Em nível científico, especialmente psicológico, além de uma ampla e interessante literatura a respeito, existem escolas e laboratórios para aperfeiçoar as habilidades relacionais de quem tem particulares tarefas sociais como os gerentes, os dirigentes, os executivos, mas também os pais, os professores, os animadores. Muitos documentos do Instituto – em particular as últimas circulares da Madre – assim como os documentos da Igreja e do ecumenismo, do mundo do trabalho, da política

nacional e internacional, de algumas sociedades científicas interessadas na sobrevivência do planeta Terra, sublinham fortemente e com insistência a necessidade de relacionamentos abertos, respeitosos e de recíproca confiança com todos, também com os diferentes.

Além das pessoas, também a natureza, para sobreviver, precisa de relações maternas de cuidado. Quando se escuta o vozerio que se eleva das várias partes do globo, parece que se escuta como se fosse uma grande invocação que implora por uma globalização plenamente humana, por relações de cuidado inspiradas no modelo materno.

E nós, nascidas na vida consagrada como filhas de uma grande Mãe, Maria - o Auxílio, nos tornaremos ou continuaremos a ser mães por meio das relações de empatia, de ternura, de compaixão e de cuidado. Assim, ajudaremos as filhas que nascem sob todos os céus a realizar o sonho de Deus, do Papa Francisco e de nós todas de fazer do mundo uma fraternidade universal atenta e respeitosa também para com a nossa mãe Terra.

*rossi\_maria@libero.it*

SUPLEMENTO FMA

## PARA QUE TODOS OS JOVENS CRISTÃOS SE FAÇAM DISCÍPULOS E MISSIONÁRIOS DO EVANGELHO



### JOVENS EVANGELIZANDO OUTROS JOVENS COM ALEGRIA SALESIANA

# dma em busca:

Leitura evangélica dos fatos contemporâneos



## CULTURAS



### A justiça: virtude complexa

por Mara Borsi



**Justiça: palavra frequentemente declamada, conclamada e proclamada e assim também muitas vezes violada, falsificada, humilhada. Paradoxalmente precisaria falar menos dela para praticá-la mais. «A justiça nutre-se de silêncio». Esta afirmação de São Boaventura é particularmente provocante.**

A virtude da justiça é geralmente representada por uma balança em perfeito equilíbrio, mas no que diz respeito à sua definição pode-se entendê-la de muitos e vários modos, todavia pelas suas diversas definições aflora o componente radical e permanente que vincula a justiça aos valores absolutos, a uma norma estrutural da pessoa. Sobre isso, na época contemporânea, imbuída de relativismo e situacionismo ético, há um debate aceso e fortes contraposições.

Na cultura grega antiga a justiça é entendida como uma lâmpada que orienta os passos no caminho certo, mas o seu significado pode alargar-se chegando a abranger toda virtude e todo bem. Platão a define como “o cumprimento do próprio dever pessoal e social”. No direito romano encontramos o lema inspirado de Cícero, “a cada um o que lhe pertence”, e a definição mais completa do imperador Justiniano: “A justiça é a constante e perpétua vontade de atribuir a cada um o que lhe pertence”. A visão cristã sublinha o seu

fundamento: Deus Trindade de amor. Para realizar atos de justiça e conduzir uma vida justa, não é suficiente unicamente o empenho humano, mas ocorre o dom do amor preveniente de Deus que irrompe no crente e faz com que a justiça seja plena e se conjugue com a caridade. A justiça é o primeiro passo para a abertura ao amor. Na visão cristã da vida não é concebível a separação de justiça e caridade.

“A constante e perpétua vontade de atribuir a cada um o que é seu” remete ao reconhecimento do outro precisamente no seu ser outro. Por trás disso está todo o leque dos direitos humanos, do bem comum, da liberdade, do desenvolvimento, da dignidade de todos. Do ponto de vista interpessoal a justiça define a relação entre pessoa e pessoa na trama dos respectivos direitos e deveres, e no âmbito público considera o corpo social no conjunto de seus relacionamentos (relação entre quem governa e os cidadãos; relação entre os mesmos cidadãos).

No contexto contemporâneo a justiça mais sentida e vivida é a justiça social, dada a maior consciência diante dos direitos humanos, pessoais e sociais. Ela impele ao desenvolvimento e ao progresso da sociedade harmonizando-o com a dignidade da pessoa.

rossi\_maria@libero.it

Testemunho de Ir. Floriana Guterres, Ir. Natalia da Silva, Ir. Veronika Kusnadi Feny (TIN)

## A virtude em prática: justiça e missão educativa no Timor Leste

As crianças e os jovens pobres sempre foram a preocupação principal, o coração e o centro da atenção de cada FMA no Timor Leste.

Sempre procuramos dar respostas adequadas para que cada pessoa possa viver a vida com dignidade no respeito aos seus direitos e deveres.

De fato, desde que as FMA chegaram ao Timor sempre foi dada atenção à promoção humana em todos os níveis, tendo bem presente todas as dimensões da pessoa. Concretamente praticamos a justiça por meio da missão educativa e buscamos efetivamente dar, sobretudo aos mais pobres, o que lhes compete em termos de dignidade e de oportunidades sociais.

No Timor temos casas de acolhida para crianças e pré-adolescentes, nas quais se respira o espírito de família salesiano; as crianças e as pré-adolescentes são nossas destinatárias privilegiadas; prestamos-lhes toda assistência possível indo ao encontro de suas situações de pobreza, fragilidade, abandono por parte dos pais. O nosso desejo é: estar sempre prontas e disponíveis para acolher, cuidar e acompanhar a um crescimento sempre maior para a liberdade e a maturidade.

Nos vilarejos, oferecemos assistência sanitária e atividades ambulatoriais, sobretudo aos pobres e aos doentes, onde não há recursos econômicos nem meios de transporte e de comunicação.

Depois da autodeterminação da Nação, a realidade política e social mudou totalmente; pode-se perceber,

sobretudo a falta de recursos, de preparação profissional e de competências nas diversas áreas. Esta mudança da realidade é um grande desafio, e a nossa missão é responder às novas exigências continuando a servir os jovens com coragem e confiança oferecendo-lhes formação, para atuarem com cidadania evangélica.

Com esta finalidade, abrimos cursos profissionais em vários âmbitos: administração, secretariado, confecções, turismo.

A nossa escolha prioritária é a educação das jovens a partir da família, com atenção particular às mães jovens dos vilarejos ou que vivem nas áreas rurais ou nas periferias. Intervimos com diversas atividades de promoção: cooperativas (microcrédito) e iniciativas culturais.

O oratório é o campo educativo onde se valorizam as potencialidades dos jovens; eles se sentem protagonistas e descobrem suas capacidades e riquezas interiores.

As escolas têm alunos/as da classe popular e respondem às necessidades e às exigências de uma educação sistemática e integral. Uma atenção particular é dada ao discernimento vocacional, aos itinerários vocacionais e à formação de quem pede para se tornar fma.

rossi\_maria@libero.it

### PASTORALMENTE



## Uma regra a ser vivida

*Mara Borsi*



As novas gerações encontram-se hoje em uma situação difícil. Por um lado, elas são jogadas em um mundo riquíssimo de informações, saberes, sensações, oportunidades de encontro, mas, por outro lado, são deixadas sozinhas pelos adultos, em seu percurso de formação. Nenhuma época como a nossa conheceu uma liberdade individual e de massa como a que experimentam as crianças, os adolescentes e os jovens de hoje. Mas a esta liberdade não corresponde nenhuma promessa sobre o futuro. O problema hodierno é a ausência de cuidados dos adultos para com as novas gerações.

Neste contexto enraiza-se a crise da transmissão da fé que não pode mais ser um simples ensinamento doutrinário, mas brotar quase por contágio, de uma experiência profundamente vivida.

### Perguntas que inquietam

Nas numerosas reuniões que dão ritmo à vida das comunidades educativas depara-se sempre com maior frequência com esta pergunta: “Como tornamos possível ou facilitamos o encontro pessoal dos jovens com Cristo?”.

O confronto e as tentativas de solução tocam importantes temas como o acompanhamento, a iniciação e educação à oração, a fundamentação bíblica das nossas propostas e outros.

No clima da cultura pós-moderna e da sociedade líquida torna-se fundamental disparar a mola da decisão pessoal, motivar a pessoa da jovem, do jovem a dar-se regras com as quais construir um caminho de crescimento integral. É importante explicar que sem uma ordem nas coisas, sem uma hierarquia de valores a vida se perde e se dispersa.

Em uma sociedade onde as normas, as regras são continuamente esvaziadas de significado ou pisoteadas, propor aos adolescentes e jovens um caminho de personalização da fé por meio da elaboração de uma regra de vida é particularmente desafiador.

Dar-se uma regra de vida é uma oportunidade que cada pessoa, jovem ou adulta, deveria dar-se, precisamente para responder concretamente às perguntas: *quem sou eu? Como posso ser o melhor possível aquilo que sou?*

Para nós cristãos, este objetivo insere-se num projeto que nos transcende. Porquanto significa entrar no projeto do Deus Trindade, descobrir o que pensou para a minha vida e a minha plena realização Nele. Descobrir, para usar uma palavra muito inflacionada e frequentemente não entendida, a vocação pessoal: o modo único de amar com força total.

É necessário explicar que dar-se uma regra significa *cuidar* de alguns aspectos fundamentais da própria

vida, que podem “ordenar” e iluminar os aspectos restantes.

### Os âmbitos da regra de vida

Os âmbitos fundamentais, sobre os quais urge confrontar-se com as novas gerações para que cheguem a estabelecer uma regra de vida pessoal que assinale um caminho de crescimento, são: *cuidar de si, cuidar das relações com os outros, com a realidade e com o Senhor.*

Habilitar as novas gerações a *cuidar de si mesmas* significa orientá-las a escutar-se, a dar-se tempo para refletir sobre aquilo que está vivendo e sobre como está vivendo (as emoções, os estados de ânimo, os medos, os desejos, os sonhos, as fadigas). É essencial também ensinar a respeitar o próprio corpo combatendo as dependências e os excessos, a aceitar tudo o que constitui a vida pessoal: as próprias qualidades, os limites, a história passada, as situações familiares, as amizades que levaram ao crescimento ou ao bloqueio. Outro âmbito determinante a ter presente na elaboração de uma regra de vida é o das relações. Por meio das relações descobrimos muito de nós mesmos: os outros nos revelam de certo modo o nosso verdadeiro rosto.

É indispensável dar pontos de referência para *cuidar da esfera afetiva*: a dimensão da afetividade e da sexualidade são âmbitos importantes e delicados que pedem para serem valorizados e não banalizados. O amor é o motor de toda a vida humana!

Lembrar a importância de *cuidar da realidade* na qual se está inserido porque faz parte de nós e entra no âmbito de uma verdadeira e própria educação para a responsabilidade. O ambiente de *trabalho* ou de *estudo* podem ser lugares nos quais se deixa viver ou lugares nos quais se podem expressar, não somente a capacidade intelectual ou prática, mas também os próprios valores morais e espirituais.

Como toda relação também a relação com o Senhor tem necessidade de ser:

**aprofundada** por meio da oração pessoal, momento privilegiado para avaliar a própria vida à luz da Palavra de Deus. O Evangelho, em particular, é a Palavra que o Senhor entrega à nossa existência para ajudar-nos a reconhecer a sua presença no cotidiano e a discernir o caminho a ser percorrido;

**verificada** com constância e fidelidade com um irmão ou uma irmã, *um amigo da alma*. Alimentada por meio de uma participação sempre mais plena aos sacramentos, especialmente a Eucaristia e a Reconciliação, nos quais imerge-se no amor e na misericórdia gratuita de Deus;

**tornada visível** por meio de um modo novo de lidar com os outros, com verdadeiro espírito de fraternidade e de serviço gratuito.

Viver segundo o Espírito significa viver uma vida que afeta e que sabe interpelar. No fundo aqui está o segredo da evangelização e do testemunho cristão, hoje. A felicidade que todos buscamos é dada pela vivência de uma vida luminosa. Não devemos parar de dizer aos jovens com a nossa vida e o nosso empenho

que se vivemos segundo o Espírito, uma vida regada pelo amor, ela será uma vida feliz aqui, hoje e para a eternidade, não obstante a dor, o cansaço de viver, que às vezes se experimenta, e a morte.

*mara@cgfma.org*

## EM MOVIMENTO



# O MJS na República Democrática do Congo

*Leontine Sonyi Ithweva*



O Movimento Juvenil Salesiano (MJS), na República Democrática do Congo, é muito ativo e vivo.

Cada vez que há manifestações, os jovens do MJS estão sempre prontos a prestar serviço por meio dos numerosos dons e recursos que possuem. São muito entusiasmados, responsáveis e criativos e colaboram de boa vontade com as fma e os sdb.

No último dia 6 de abril o MJS congolês celebrou seu 6º aniversário.

Na ocasião foram organizadas numerosas atividades, dentre as quais a mais divertida foi a partida de futebol entre o time das fma e os jovens do MJS. O resultado final foi 1 a 1.

O MJS promove a formação integral das pessoas por meio de encontros, conferências, momentos formativos etc. Nasceu em 2007, na RDC, por iniciativa de Dom Père Dieudonné Makola, sdb e Ir. Liliane Kaputo fma. O ponto de partida foi um primeiro encontro do “Fórum dos jovens” organizado no Liceu

Tuendelee. Este Fórum reuniu mais ou menos 175 jovens, sem contar os animadores e os adolescentes provenientes de diversas obras das fma e dos sdb: escolas, grupos e movimentos.

O escopo principal com o qual se iniciou a caminhada do MJS foi: colocar em rede todos os jovens que compartilham a Espiritualidade Salesiana, oferecendo a eles uma formação pedagógica contínua e integral. Realmente, o MJS é antes de tudo um movimento de caráter educativo, uma vasta rede de jovens que se dedicam à animação, à assistência, à formação humana e cristã de seus semelhantes, com espírito missionário, aberto aos que estão longe, com vontade de incidir no território e de inserir-se na Igreja Local.

Os jovens que frequentam as obras salesianas sentem-se verdadeiramente membros ativos e parte integrante do Movimento. Eles colaboram facilmente e

a sua dedicação ao MJS é tamanha que o seu fervor, dizem alguns, às vezes supera o dos sdb e das fma.

Neste momento o MJS prepara-se para viver o encontro extraordinário com o Papa no Rio, durante a Jornada Mundial da Juventude. Não obstante os poucos meios econômicos, o MJS estará presente com 20 membros entre os quais uma fma e dois sdb. Os jovens estão muito felizes de participar desta jornada e particularmente orgulhosos de encontrar o novo Papa por eles mesmos chamado “o Papa da Nova Geração”.

A missão dos jovens do MJS é sensibilizar outros jovens à participação e à colaboração. A cada trimestre eles visitam escolas e obras para animar e transmitir o espírito salesiano.

Quanto aos que se preparam para o Rio, promoveram um encontro com os jovens que estiveram em Madrid e nestes dias estão compartilhando as próprias experiências.

### Testemunho de Christian Matalata

Tenho 22 anos e sou membro do MJS da RDC e trabalho na secretaria do Movimento. Sou um estudante da Faculdade de Direito da Universidade de Lubumbashi onde estou cursando o penúltimo ano da licenciatura.

Descobri o MJS em 2008 quando ainda era aluno do penúltimo ano da escola secundária salesiana São Francisco de Salles em Lubumbashi. No início, foi-me difícil compreender bem qual era o escopo para eu entrar neste movimento. Mas depois, lancei-me nesta bela aventura da minha vida pedindo à escola para ser um representante do colégio no MJS. Pouco a pouco, comecei a compreender a finalidade que se propunha o MJS. Rapidamente, fui chamado a assumir uma função importante na organização, que me envolveu ainda mais.

Várias atividades como as jornadas de formação, as celebrações eucarísticas, piqueniques, fórum para os jovens, encontros... permitiram-me experimentar um particular percurso de vida, que me envolveu tornando-me protagonista do meu bem viver e levando-me a me tornar amigo dos muitos jovens que constituem o vasto Movimento Juvenil Salesiano.

Deste modo compreendi a pedagogia da alegria, o amor e o senso do dever, e o carisma salesiano de Dom Bosco cresceu em mim.

Adaptei-me a este estilo de vida que se tornou para mim um apostolado no meio dos jovens. Estando ao lado dos meus coetâneos aprendi quais são as reais exigências da nossa sociedade para o futuro. Deste modo, juntamente com outros animadores do MJS penso poder contribuir na criação de um futuro diferente para o meu país. Com o passar dos anos, procuramos realizar experiências sempre mais interessantes e construtivas aos jovens; e o senso de colaboração entre nós é louvável. A minha identidade salesiana acompanha-me também nas outras atividades da minha vida e me ajuda a viver bem comigo mesmo e com os outros. Eu e os outros jovens do MJS procuramos fazer sempre o melhor e continuamos a nos esforçar para envolver cada vez mais os jovens e a compartilhar a espiritualidade juvenil salesiana.

Cresce a sensibilidade para com o mundo que nos circunda e gostaríamos de acolher o desafio para poder, por meio do estilo salesiano, contribuir para resolver de modo eficaz alguns dos problemas que afligem as nossas cidades.

## EM DIÁLOGO



### Entrevista com Ir. Anna Maria Geuna e Ir. Rosa Mollo Freytas

*Anna Rita Cristaino*



**Ir. Anna Maria Geuna**, fma italiana, diretora da comunidade de Aosta, foi missionária em Madagascar de 1996 a 2004. Atualmente ocupa-se da animação missionária na inspetoria piemontesa (IPI).

**Ir. Rosa Mollo Freytas**, fma peruana, ocupa-se da comunicação social na equipe inspetorial. Vive e trabalha com outras 9 Irmãs numa comunidade em um bairro periférico e popular de Lima, onde diariamente acolhem mais de 600 jovens.

### **De que modo você experimenta a dimensão da maternidade na vida comunitária?**

**Ir. Anna Maria.** Procuo viver a minha maternidade com as Irmãs e com todas as pessoas que gravitam em nossa comunidade educativa, simplesmente *sendo presença* atenta, habitando com fé o que o momento presente me oferece.

Gosto de começar a jornada ficando alguns momentos em adoração diante de Jesus para pedir-lhe a capacidade de alcançar o coração de todos os que vou encontrar durante o dia.

É aqui que obtenho alimento para o meu ser mãe e mulher a caminho.

**Ir. Rosa.** Na vida comunitária, experimento a necessidade de doar-me com gratuidade e de “cuidar umas das outras”, de gerar vida na oferta serena daquilo que sou e posso dar às minhas Irmãs.

Experimento a fecundidade espiritual no mistério da comunhão trinitária onde é possível acolher as diferenças dos dons, das presenças, dos estilos, numa busca constante para viver em plenitude o projeto de salvação.

### **... E no relacionamento com os jovens?**

**Ir. Anna Maria.** Procuo ser companheira de viagem, gastando gratuitamente, com os jovens e para os jovens, a minha vida, o meu tempo, as minhas capacidades, os meus limites, tudo o que sou, tenho e faço!

Meu único desejo é acompanhá-los para encontrarem no segredo do seu coração a felicidade de estar onde Deus Pai desde sempre os teve em mente: para eles reservo um precioso tempo a fim de escutá-los e comunicar-lhes com que Amor Deus quer o seu bem.

**Ir. Rosa.** A maternidade espiritual é a razão de ser da minha existência, é o combustível que dá vida ao meu ser feliz como fma e nesta relação madura, serena e livre com as crianças e os jovens mais frágeis, pobres e necessitados realizo-me como mulher, mãe e consagrada. Gerar filhos espirituais no estilo salesiano, é para mim, morrer para dar a vida, acompanhar em silêncio, “despojada”, com alegria e esperança, com criatividade, na verdade e liberdade, o mistério que envolve a vida de cada jovem, para levá-los ao encontro com Jesus.

**dma comunicar:**  
*informações, notícias e novidades  
do mundo da mídia*



## **FAZ-SE PARA DIZER**



# **Comunicação e narração ao feminino**

*Patrizia Bertagnini*

Há uma poetisa italiana do século XX, Alda Merini, que pode introduzir-nos no mundo da comunicação passando por um caminho não usual: com ela, que viveu o drama de uma maternidade sofrida e de uma doença isolante, e que intuiu em Maria os traços de uma humanidade dolorida e luminosa, atravessamos os limiares de uma narração que se caracteriza como feminina não somente porque obra de mulher, mas porque assinalada por uma feminilidade que sabe narrar a vida, porque dela é a inspiradora, a guardiã, a nutriz.

### Guardar as coisas no coração

O feminino mediante o qual somos chamadas a descrever os fatos do nosso cotidiano e a interpretá-los à luz da Boa Nova, é o sinal típico de uma espiritualidade, a nossa, que encontra em Maria um claro ponto de referência: Nossa Senhora – cujo *sorriso tem o vigor de um imenso abraço* – é para cada fma modelo de uma maternidade capaz de gerar, acolher, defender e promover a vida.

O estupor que ela experimenta defronte a Jesus deixa logo o lugar para a custódia do coração.

Em uma recente homilia o Papa Francisco lembrou que a capacidade de maravilhar-se é o primeiro efeito da Palavra de Deus que, porém, não pode ser apenas escutada, mas guardada; por isso é necessário «preparar o nosso coração para recebê-la. Meditar sempre sobre o que nos diz esta Palavra hoje, observando os acontecimentos da vida». O coração não é somente a sede dos sentimentos, mas orienta sempre para as escolhas a serem feitas; ele é o espaço da reflexão e da custódia de tudo quanto se verifica diariamente na vida e na história; é nele que

se realizam as escolhas mais íntimas e profundas, que somente Deus conhece e avalia. Aqui, de um coração dócil, aberto à vontade de Deus e capaz de escolher, nasce a fé. Realmente, com a guarda do coração nós nos empenhamos a abandonar uma aproximação estritamente lógica sobre aquilo que acontece; para além das nossas tentativas de responder aos quesitos que nos preocupam, a meditação na ótica religiosa sobre os acontecimentos da nossa existência, lendo-os à luz da Palavra de Deus, permite-nos colher a limitação das perspectivas humanas e confiar-nos à vontade divina que age para o nosso bem, mesmo quando não entendemos o seu modo de agir.

### O equilíbrio entre silêncio e palavras

De fato, a guarda do coração encontra no equilíbrio entre o silêncio e a palavra, a condição e o critério de possibilidades; a memória do coração, enquanto exposição da própria vivência à luz da Palavra, configura-se como um diálogo incessante entre o homem e Deus, processo comunicativo – como lembrava Bento XVI na Mensagem para 46ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais – no qual devem encontrar espaço tanto o silêncio porque «calando permite-se à outra pessoa falar, expressar-se, e a nós, não permanecermos ligados somente às nossas palavras ou às nossas ideias, sem um oportuno confronto; quanto a palavra como lugar de experiência compartilhada e de encontro. Sem o silêncio a nossa capacidade expressiva pode se tornar superficial, incompreensível e confusa; por isso o Pontífice usou com precisão o termo *ecosistema*. Silêncio e palavra são realmente parte de um ambiente comunicativo que se torna virtuoso somente na medida em que sabe respeitar os seus equilíbrios internos: «Lá onde a mensagem e a informação são abundantes, o silêncio se torna essencial para distinguir o que é importante daquilo que é inútil ou acessório.

Uma profunda reflexão ajuda-nos a descobrir a relação que existe entre os acontecimentos que à primeira vista parecem desligados entre si, a avaliar, a analisar as mensagens; e isto faz com que possamos compartilhar opiniões ponderadas e pertinentes, dando vida a um autêntico conhecimento compartilhado. Para isso é necessário criar um ambiente propício, quase uma espécie de “ecosistema” que saiba equilibrar silêncio, palavra, imagens e sons». Também nisso Maria é para nós Mãe exemplar, porque nela, *timidamente, a palavra cruza o limiar dos seus lábios acostumados ao silêncio*; a prática de um silêncio que escancara os horizontes a outras realidades, acolhe uma palavra que parece tímida, nunca agressiva, arrogante ou altiva, mas sempre comedida, correta e requintada no seu propor-se e no seu dispor-se, como na lógica da Encarnação que permite ao Verbo irromper, com a força de uma criança desprovida de

#### A virgem

*Não tendes visto as borboletas  
com que leveza e graça  
roçam as corolas na primavera?  
Com igual leveza  
paira sobre todas as coisas  
o olhar límpido da virgem irmã.  
Não tendes visto, quando é noite,  
as envergonhadas estrelas  
avançarem e coletarem a luz?...  
Assim, timidamente, a palavra  
cruza o limiar  
dos seus lábios, ao silêncio acostumado.  
Não tem forma a veste que ela traz,  
a luz que a filtra  
dispersa seus contornos.  
O seu belo rosto  
não se sabe onde começa,  
o seu sorriso  
tem o vigor de um abraço imenso.*

**Alda Merini**

palavras, para rasgar a vazia verborreia da humanidade.

### **As estratégias para custodiar a memória do coração**

A partir das palavras do Filho de doze anos, enigmáticas e carregadas de mistério, Maria aprendeu pelos fatos vividos o sentido daquele dever ocupar-se das coisas do Pai; o caminho de fé da Mãe de Deus é um caminho de crescimento sapiencial, de leitura por meio do coração.

Por isso a guarda da memória do coração passa, em primeiro lugar, pela capacidade de cultivar um olhar

positivo sobre a realidade, sobre as coisas, sobre os encontros, com a propensão a perscrutar a existência filtrando os acontecimentos com a atenção confiante de quem contata tudo não com um otimismo de baixo perfil, mas com uma confiança enraizada na aliança com o Senhor. E enquanto *límpido paira sobre todas as coisas / o olhar da virgem irmã* e – com o da Mãe – o nosso olhar, aprendemos com Ela a respeitar a vida, mantendo sua concretude e evitando a pretensão de apropriar-nos dela, como de uma vestimenta usual amorfa que, atravessada pela *luz que a filtra / dispersa seus contornos*, mas conserva, impressas no coração, suas feições.

## **MULHERES NO CONTEXTO**



### **Uma mãe reencontrada**

**Bernadette Sangma**

As palavras de Jesus, da cruz, a João: “Eis tua mãe!”, são um dom para a humanidade gerado a partir do patíbulo da cruz. É o seu testamento para que o mundo se encha da ternura e do sorriso da mãe que, como o calor do sol, aquece o coração de cada pessoa.

#### **Eis tua mãe**

É a história de Jessy (nome trocado), uma menina de dez anos. Sua mãe havia crescido em uma casa-família do governo e a havia deixado com a idade de um ano e meio na mesma casa-família onde havia crescido. Jessy agora é uma bela menina com lindos olhos, é vivaz e inteligente, quer especializar-se em Matemática e tem capacidade para alcançar o seu objetivo! Já faz algum tempo que a responsável desta casa-família onde Jessy foi acolhida, está procurando reencontrar alguns familiares com a finalidade de uma reunificação ou reinserção familiar. Por meio de poucos dados disponíveis, ela finalmente conseguiu encontrar o tio e logo em seguida o telefone da mãe da menina que, fazia pouco tempo, havia retornado à pátria, casada, e com outros dois filhos. Depois de várias conversas telefônicas, a responsável convidou a mulher a visitar a casa-família, sem, todavia, dizer o motivo. Jessy sabia que estavam sendo dados alguns passos para encontrar seus familiares, mas isso não era do conhecimento de todos. Na noite anterior, a

responsável anunciou-lhe que no dia seguinte iria receber uma visita e que era sua mãe viria encontrá-la. Todos pensavam que sua reação fosse de alegria: talvez o fosse, certamente no profundo do seu coração, mas Jessy reagiu dizendo que não queria vê-la. No dia seguinte chegou esta mãe longamente esperada. As responsáveis a acolheram dando-lhe a notícia da presença de sua filha na casa-família. Depois chamaram Jessy dizendo-lhe: “Eis tua mãe!”. Na frieza inicial de Jessy, podia-se colher a raiva e o vazio afetivo vivido, mas entrevia-se, também a emoção por alguma coisa que estava por começar. Mãe e filha foram deixadas a sós, na intimidade de um encontro de regeneração e renascimento para ambas.

#### **Em um abraço misericordioso**

Do relato da mãe soubemos que Jessy não lhe escondeu sua raiva pelos anos vividos sozinha, pela privação do afeto e do cuidado a ela negado. E quem de nós teria reagido de modo diferente? A mãe, por sua vez, ficou quase extasiada ao ver sua pequena crescida e determinada, saudável e bonita! Depois nós lhe perguntamos como fizera para justificar o seu modo de agir. Ela nos disse que em primeiro lugar pediu perdão à filha. Ficamos sabendo que Jessy não demorou a envolver-se no abraço misericordioso da mãe.

O que possibilitou o gradual conserto da relação foi a percepção por parte de Jessy da realização de uma experiência comum.

De fato, também a mãe havia sido abandonada. Felizmente, porém, por meio de Jessy entrevistê-se a ruptura desta cadeia. Realmente, depois do encontro com a filha, a mãe voltou para casa e contou ao marido a respeito da existência desta filha nascida depois de um estupro. O marido, porém, colocou-a diante de uma escolha difícil: ou ele ou a filha reencontrada.

A mulher respondeu que não podia mais renunciar à “carne de sua carne”, escolhia a filha e estava pronta a enfrentar as consequências desta escolha.

Agora esta mulher vive com seus três filhos a serem cuidados, mas a sua decisão foi firme ao querer viver a própria maternidade para os filhos.

### Chamadas a serem mães

À luz desta história, fiz duas perguntas à Ir. Mary Anyango Owuoth, uma jovem FMA que trabalha na casa-família de Nairobi, o “Centro Maria Romero para Meninas” que acolhe 36 meninas de 5 a 14 anos de idade.

**Pergunta:** Como você descreveria as situações das meninas?

**Ir. Mary:** Quase todas as meninas procedem de situações familiares difíceis. Elas, na maioria, são órfãs de um dos pais ou de ambos. Portanto o seu ponto de referência são os parentes: os avós, os tios e as tias, mas de algumas delas não conhecemos ninguém. Há algumas meninas que vivem as consequências de abusos sofridos. Percebo o grande vazio afetivo que sentem e isso resulta num grande problema porque

elas se apegam às pessoas que lhes demonstram um pouco de afeto e podem facilmente ser enganadas por pessoas mal intencionadas.

O acompanhamento personalizado é uma condição indispensável, sobretudo no processo de cura e de recuperação. Ficar com elas requer uma presença constante que saiba traduzir-se em ternura e bondade materna, em pequenos gestos de atenção, de cuidado, de paciente escuta e de perdão, juntamente com uma boa dose de firmeza.

**Pergunta:** Pela experiência que você tem com elas, que lugar ocupa Deus no processo de recuperação e de crescimento destas meninas?

**Ir. Mary:** Externamente, estas meninas parecem desinteressadas e indiferentes, mas têm uma profunda sede de Deus. Frequentemente, são elas mesmas que pedem para se aproximarem dos Sacramentos, da Igreja. Algumas de suas expressões podem nos surpreender pelo sentimento de fé que manifestam. Refletindo sobre os acontecimentos de sua vida, uma menina diz: “Todas as coisas que acontecem na vida têm um sentido porque é Deus que tem nas mãos, as rédeas da minha vida”. Outra menina, à espera do feliz êxito na busca dos seus entes queridos, pede quase gritando: “Pode Deus permitir que eu morra sem encontrar os meus entes queridos?”. Outra faz a seguinte leitura de sua situação: “Deus quer que eu termine os meus estudos antes de me encontrar com os meus familiares; se estivesse com eles em casa, talvez jamais tivesse podido estudar!”.

*sangmabs@gmail.com*



### No próximo número

<b>DOSSIÊ:</b>	<b>Nas praças do mundo: <i>Atrairei todos a mim</i></b>
<b>FIO DE ARIADNE:</b>	<b>Ousar</b>
<b>CONSTRUIR A PAZ:</b>	<b>Operadores de paz</b>
<b>PASTORALMENTE:</b>	<b>A animação vocacional para um discernimento</b>
<b>FAZ-SE PARA DIZER:</b>	<b>Comunicação e Evangelização</b>



## O FILHO DA OUTRA

de Lorraine Lévy, França 2012

*Mariolina Perentaler*

Um filme de grande força e atualidade. Distinguido pelo Grande Prêmio no Festival de Tóquio foi apresentado com sucesso no último Festival de Filmes de Turim (2012), em seguida em Jerusalém e apresentado no festival de Tel Aviv. É a primeira vez que um filme de Lorraine Lévy – diretora francesa, mas de origem hebraica, irmã do escritor Marc Lévy – é distribuído na Itália (a partir de agosto, também em DVD). A autora relata sem reticências a atual e difícil convivência entre israelenses e palestinos, mas acredita firmemente no amadurecimento das consciências de muitos homens de boa vontade presentes nas duas fronteiras. “Uma obra emocionante – reforça Gandolfi –

### Isaac e Ismael

Privilegiando um equilíbrio (também estético) muito correto, “O filho da outra” escolhe a forma do drama de família, mas de fato relata a questão palestina. Uma história delicada, talvez impossível, que nos toca no profundo do coração, também pela simpatia e bravura dos atores, todos protagonistas: filhos, pais, irmãos. Uma história que, como os meninos citam no filme, nos lembra os filhos de Abraão. São dois, na realidade, os filhos «da outra»: em Israel e na Palestina, dois mundos separados que se odeiam. Em uma noite de bombardeio duas crianças nascem e, por erro na agitação do momento, são trocados no berço. Um, Joseph, em Tel Aviv, enquanto se prepara para partir para o serviço militar com o exército israelita, descobre que seu pai e sua mãe – um coronel médico e sua esposa – não são os seus verdadeiros pais. A outra, Yacine, que havia crescido nos territórios da Cisjordânia, recebe o ressaltado da notícia. A revelação abala improvisamente as existências de todos e duas famílias são obrigadas a reconsiderar não somente as respectivas identidades, mas também seus valores e suas próprias convicções sobre o sentido da hostilidade que continua a dividir os dois povos. «Em 1991 os céus de Israel eram atravessados pelos *scud* e muitos jovens sabem que não cresceram nas suas famílias biológicas – explica a diretora na sala de imprensa. Mas eu fui além da história. Sendo hebraica, coloquei-me o problema se iria ou não escrever e dirigir este filme, mas não sendo israelense eu o fiz. Não tomei o partido de nenhum dos dois. Escutei e respeitei as razões tanto dos israelenses como dos palestinos, e quando no filme os pais dos jovens deveriam se

que enfrenta problemas de dramática atualidade procurando as respostas no coração do povo simples, confiando as esperanças para o futuro nas mulheres e nas novas gerações”.

Pode-se acrescentar que propriamente pelo tema escolhido carrega-se de uma valência tão rica e complexa chegando a interessar outras esferas, além da familiar: a religiosa, a histórica, a ideológica. É a terceira obra da francesa/hebraica e “não tem pretensões propagandísticas a não ser a vantagem da esperança cavalgada pelo bom senso”, sublinha a crítica. Diretora sensível, de grande capacidade empática, com bons atores, e uma equipe realmente internacional.

encontrar/desencontrar sobre os temas do conflito, cada ator queria ter a última palavra em cena, mas eu preferi descolorir com um tom ascendente, com as palavras de um e de outro que se sobreponham. Josef e Yacine em vez, os dois jovens protagonistas, encarnam a esperança das novas gerações, e a telecâmera os acompanha».

As primeiras reações à dramática descoberta são de confusão: Josef recebe do rabino a dolorosa confirmação de que ser judeu é uma questão de nascimento, portanto ele ‘não o é mais’. Bilal, o irmão de Yacine vê o seu ‘não mais irmão’ como aquele que está traíndo a causa palestina porque começou a frequentar outra família. Em uma palavra, crises de identidade em todos. Em seguida começa um lento processo de assimilação da nova realidade e de meditação sobre o comportamento certo a ser tomado. A autora esforça-se para nos mostrar que as reações não são diferentes porque são diferentes os povos, mas são homogêneas “por categoria humana de pertença”. A coisa faz refletir muito.

Um papel crucial nas retomadas é desempenhado também pelas numerosas cenas filmadas aos pés do muro que separa Israel da Palestina. Cenas nas quais a tensão se faz palpável mantendo o espectador com a respiração suspensa. Parece até que as tomadas cinematográficas sejam invencivelmente atraídas pelo grito silencioso emitido por aquela barreira nua. Torna-se sinal da ferida aberta que isola os dois povos: não aprenderam ainda a conviver e se sentem em coabitação forçada no mesmo território. É propriamente na tentativa/intenção de superar este muro que a hábil

diretora reafirma do modo mais humano e emocionante que os liames de sangue ultrapassam qualquer barreira. Que décadas de conflitos não poderão jamais deter o amor de uma mãe por seu filho nem poderão

jamais deter o sonho de liberdade de um jovem que combate numa guerra não sua. Um filme intenso a ser assistido e valorizado, capaz de comover sem cair no “bonismo”.

## PARA REFLETIR

### **Sobre ao tema do filme**

**Construir uma história na qual “dois pais israelenses e palestinos têm a impressão de haver perdido o filho, enquanto as mães sentem que ganharam um filho”. Isto para dizer que o caminho da reconciliação passa pelas mulheres e pelos jovens.**

A diretora do filme usa um expediente narrativo singular para colocar à luz as tensões entre os 2 povos. Trata-se de uma hipótese limite, mas podemos sem dúvida entrar no jogo porque – como ela mesma disse – “o meu filme não é uma lição de história, mas um convite ao sonho”: o empenho de mostrar como pessoas honestas e sensíveis que têm a desventura de fazer parte de dois povos em luta há séculos, aprendem e conseguem reagir para o melhor. Além disso, em situação excepcional e num contexto social tão difícil. Não só: se em cada relato dramático uma vez criados os pressupostos para um conflito espera-se a sua dissolução e um final catártico, neste filme não acontece. A autora prefere mostrar como, em vez disso, os conflitos se resolvem mediante uma profunda maturação interior. As 2 mulheres – afirma Lorraine – são capazes de compreender que os filhos que criaram continuam a ser os seus filhos e que agora há um outro filho para cada uma delas. São as primeiras a “se aproximarem”, para fazerem “aproximar”. As mais capazes de enfrentar a nova situação graças ao costume de privilegiar as relações humanas e afetivas.

### **Sobre o sonho do filme**

**Convidar o público – os jovens em particular – a um grande desejo de convivência pacífica, de dissolução dos conflitos em nome da pertença comum a uma grande família, a família humana.**

«Confio a esperança aos jovens porque eu os encontrei. Neles eu li o desejo de dissipação. Eles têm todo o direito nesta idade. E isto os associa». É assim que Lorraine Lévy apresenta ‘O filho da outra’. Os jovens de uma e de outra parte têm a vantagem de serem jovens: têm a capacidade de olhar adiante com uma maior flexibilidade ao reinventar suas vidas – prossegue Zenit indicando a obra, sobretudo aos educadores. As cenas entre eles e com os amigos são as mais felizes e exprimem melhor que todas as outras o sinal de esperança que a diretora quis imprimir ao filme.

Numa cena em que os dois protagonistas trocam suas impressões, depois da descoberta de terem sido trocados, Josef pergunta a Yacine: “Quem você gostaria de ser?” E ele, depois de haver pensado um pouco responde: “James Bond”!

Então, aos novos Isaac e Ismael interessa, sobretudo, poder contar com uma roda de verdadeiros amigos e descobrir que trabalho conseguirão fazer quando adultos no mundo. Ao invés disso, são os pais que não conseguem esquecer um passado feito de hostilidades e represálias.

## O LIVRO



### **Ava Olafasdottir** **ROSA CÂNDIDA**

**por Adriana Nepi**



Um pequeno livro, encantador na sua cândida simplicidade, parece provir... de um outro mundo. Na realidade a autora é oriunda do pedaço extremo do Norte da Europa. Ela nasceu em 1958, em Reykjavik, capital da Islândia.

O romance, estruturado como o diário de uma longa viagem, tem por protagonista um jovem de vinte e dois anos, nativo da ilha, movido por uma necessidade de evasão: uma inconsciente busca do sentido da vida. Viveu até agora com o pai idoso e um irmão retardado mental e com a viva lembrança da mãe que falecera num acidente.

O pai queria vê-lo orientado para os estudos universitários, também em consideração aos seus brilhantes êxitos no curso colegial. Lobbi, porém, (assim é familiarmente chamado) toma outra direção, se bem que de modo ainda muito vago. Herdou da mãe um grande amor à natureza e prefere o ar livre e o bom perfume da terra a ficar fechado nas bibliotecas. A mãe tinha a paixão pela jardinagem, conseguia fazer medrar naquela latitude, no terreno exposto ao vento e às geadas noturnas, flores preciosas e arbustos verdes no lugar de magros espinheiros; e ele, antes de pôr-se em viagem, recolocou com cuidado no bolso externo da mochila, as estacas de um novo tipo de rosa, a rosa cândida precisamente.

Parte acompanhado pelas recomendações de um bom pai, que lhe ofereceu também uma consistente oferta em dinheiro. Espera encontrar trabalho como jardineiro no famoso mosteiro de um não especificado país do Norte da Europa. A necessidade de encontrar caminhos novos não torna o filho um rebelde: manterá sempre o contato telefônico com o pai, mesmo com poucas frases trocadas e sempre as mesmas: “Tudo bem, Lobbi? Você ficou sem dinheiro? Você gosta do lugar? Qual é a previsão do tempo?”. E a respeito de algumas receitas de cozinha: “Como fazia mamãe? Ah, não devia morrer tão depressa!”... Antes de partir, o jovem sentiu a necessidade de revelar ao seu pai ser ele mesmo, pai de uma criaturinha de sete meses, que quis rever antes de deixar o País: uma menina, nascida de uma jovem que encontrou por acaso e com a qual não firmou compromisso algum. Mais tarde, em um dos únicos telefonemas saberá, contrariado, que o pai, feliz de ser avô, tomara a iniciativa de encontrar a netinha...

Na realidade a jovem mãe havia apenas pedido (sem qualquer reclamação) que o pai estivesse presente no nascimento da pequena; ele, porém não percebe ainda a importância e as consequências de um evento não querido, que parece não lhe ter deixado na alma nenhuma ressonância emotiva.

A viagem, feita de aventuras nem sempre agradáveis (como a internação num hospital por um imprevisto ataque de apendicite), de um suceder-se de encontros, de reflexões, de confrontos, acaba por assinalar um verdadeiro itinerário de maturação interior. Num diálogo com uma mulher que lhe ofereceu um passeio de carro, o jovem lhe faz alguma confidência: fala de si, revela ter uma filha que apenas viu nascer e suscita o estupor da interlocutora ocasional afirmando que, desde quando a menina

nasceu pensa frequentemente na morte: “Nasce-te um filho e sabes que um dia ele deverá morrer”... Confia mais em si mesmo: desde que foi operado, pensa frequentemente no seu corpo, como pensa na morte; parece-lhe haver conquistado uma espécie de “consciência corpórea”.

Pensa no seu corpo e... no corpo dos outros, especialmente no corpo feminino. A desenvoltura com que o jovem fala das relações ocasionais com as mulheres encontradas parece revelar, se assim se pode dizer, uma espécie de inocente amoralidade.

Isso faz pensar que o nascimento de uma “consciência corpórea” seja na realidade o amadurecimento de uma consciência moral responsável.

Tendo chegado, finalmente ao mosteiro, o jovem terá um acompanhante singular, um tipo original de monge que, sem nenhuma tonalidade moralista, o guiará a um conhecimento mais lúcido, de si e da vida.

Ele, no entanto, vai se ambientando no país estrangeiro do qual começa a aprender a língua; o trabalho lhe dá satisfação, o jardim abandonado retoma a beleza que o havia tornado famoso. E eis que, em circunstâncias consideradas plausíveis pela sabedoria narrativa da autora, reentram na vida de Lobbi a filhinha e Anna, sua mãe.

Esta, devendo ausentar-se por motivos de estudo (está para formar-se em genética) pede-lhe, não sem embaraço, de poder confiar-lhe a pequena por algumas semanas: tomará providência de trazer o necessário e de dar todas as instruções oportunas.

Ele, perplexo, aceita quase relutando. Espera-o uma tarefa realmente... materna: cuidar da filhinha de nove meses! Mas será um aprendizado cheio de alegria.

A mãe dividir-se-á entre o estudo e a preocupação com a menina, e será inevitável o recíproco conhecimento dos dois, já ligados pelo amor de sua dulcíssima Flora Sol.

No coração do pai nasce um sentimento inesperado, que não é apenas ternura para com uma criaturinha adorável, é uma nova atração por Anna, não mais objeto de uma fugaz experiência erótica, mas amada como se ama a companheira da vida, com o coração, com toda a alma.

Anna precisará ainda de tempo, para interrogar-se a si mesma, mas Lobbi saberá esperá-la. Ei-lo ao lado dela, diante de um grande espelho: toma-a delicadamente por um braço e atrai a si.

Por trás deles, toda sorridente, está a menina, em pé, no seu berço. Agora estão os três juntos “como numa foto de família com moldura de madeira dourada”...

Agrada-nos considerar esta a verdadeira conclusão do livro, belo como uma bela fábula, tonificante como uma lufada de ar fresco.



# Pop ou rock? Hip-hop!



Para os jovens, a escolha musical está em estreita simbiose com a imagem de si que querem transmitir. Não por acaso, escutando a conversa entre eles é fácil deparar-se com frases do tipo: «Vê-se que você é pop!» ou «você é rock», dando a estes dois gêneros musicais um valor positivo ou negativo em base ao tom de voz que é utilizado. A escolha de um gênero não deriva de um estudo de suas origens mas é simplesmente guiada pelo gosto pessoal ou talvez pelo que escutou desde pequeno, em casa, baseando-se no gosto musical dos próprios pais.

Toda a música moderna que ainda hoje escutamos, com pouquíssimas exceções, deriva das grandes famílias da música americana. Pode-se dizer com certeza que *tudo nasce entre o final do século XIX e o início do século XX com o blues*. A partir daí desenvolveram-se as outras grandes famílias: o jazz, o rock, o pop, o punk, a new wave, a new age, a discomusic, o metal, o rap e o hip-hop. Cada um destes gêneros musicais marcou um período histórico que caminhou junto com a evolução da condição econômica, cultural e moral da sociedade. Alguns musicistas ou grupos musicais tornaram-se o emblema de uma reivindicação, de uma conquista ou também de uma degradação. Enquanto nos anos 60-70 isso também se tornava um manifesto político e social, com movimentos juvenis que iam para as praças, hoje não existe mais este tipo de pertença que leva a um movimento físico do seu mundo (em alguns casos também apenas interior) para uma disputa externa em confronto com os adultos.

### A velocidade da música

Se experimentássemos espreitar por dentro os leitores MP3 que utilizam os jovens provenientes de diversos grupos, companhias ou classes escolares veríamos imediatamente que os *conteúdos das canções dizem respeito ao seu modo de vestir, ao seu modo de falar e de apresentar-se. Tudo isso não é muito diferente do passado, basta pensar naqueles vídeos que nos mostram garotas e garotos gritando, nos anos 60, com a chegada das estrelas do momento: os Beatles.*

Hoje, aqueles jovens de quinze anos dos anos 60 têm no mínimo 60 anos! O que muda com relação ao passado é o uso da música que se tornou mais veloz e mais rápida também porque a aquisição por um preço módico, facilitou e permitiu usufruir dela em maior quantidade. Mais canções, mas ouvidas em menor tempo. Esta maior velocidade comporta uma mudança geracional musical decididamente mais veloz relativamente há cinquenta anos atrás.

### Os novos gêneros musicais

Nesta última década os *gêneros musicais se mesclaram entre si e se misturaram* a tal ponto de torná-los muito parecidos. *Techno, House, Pop music, Alternative* são os gêneros musicais mais em voga entre os jovens, mas há outros que não podem e não querem escutar este tipo de música. *Seguramente o pop e o rock estão na base de todas estas novas formas musicais*. Não nos surpreende, portanto, encontrar nas classificações, artistas que agradam aos jovens, mas que pertencem a mundos musicais completamente diferentes: Metallica ao lado de Eminem, Pink perto da Madonna, Lady Gaga perto dos Daft Punk, Jovanotti perto dos Depeche Mode, os Nirvana ao lado dos Queen, Bob Sinclair com Beyoncé.

Esta contaminação levou a *uma evolução dos gostos musicais dos jovens* que, porém, não encontra mais uma identificação tão precisa. Dizer a um jovem que lhe agrada a música pop, comunica-lhe que é velho! Dizer-lhe que é Hip-hop, o faz sentir-se muito na moda. Pena que o Hip-hop tenha tido sucesso graças aos refrões musicais declaradamente pop!

Uma ulterior *mudança verificou-se na fidelidade a um gênero musical* que nestes anos demonstrou-se mais ondulante com um público que se transfere facilmente de um gênero para o outro em base também ao que é proposto pelas redes sociais, pelos canais de televisão, pelo Youtube.

Encontramo-nos, portanto, diante de um mundo juvenil que continua a apreciar a música e todos os aspectos emotivos e relacionais que traz consigo, mas que é sempre mais seletivo e mutável.

## BLUES, JAZZ, ROCK, POP

### O guia para músicos, grupos, gêneros e tendências

Este livro escrito por Ernesto Assante e Gino Castaldo com cento e dezoito capítulos consegue traçar um percurso guiado no século XX americano, sobre o nascimento da música moderna. Uma grande história que vai do blues ao nu-metal, passando pelo jazz, rock, new wave, rap, e propriamente tudo aquilo que diz respeito a cada artista e a cada tendência americana verdadeiramente importante. Dentro do crescimento de um País que, no bem e no mal, tornou-se o modelo para os outros, os autores conseguem dar uma bússola para orientar a música de ontem, de hoje e de amanhã, e para compreender a natureza profunda da América e do mundo, partindo da mesma música.

## CAMILLA



# Jogar na defesa

No meu País o fim do verão coincide com a retomada das atividades pastorais: tempo de vindima – diria Madre Mazzarello – precedido, em geral, por aquele alternar-se de operários da vinha que caracteriza o período no qual se assiste às mudanças de comunidade.

Ora, com todo o respeito por quem deve dar a obediência e por quem a recebe, eu gostaria de me ocupar de quem – mesmo se não a recebeu – a vive do mesmo modo.

Pela minha veneranda idade, eu acreditava já estar na faixa de todas aquelas que um sábio discernimento deveria naturalmente excluir do número das que são chamadas a transferir-se.

Sejamos sinceras, estamos cheias de razões! A escassa flexibilidade devida aos achaques da idade; a vizinhança aos familiares com os quais seria difícil manter os contatos; os hábitos contraídos que contribuem para tornar psicologicamente saudáveis; o dever – tacitamente assumido – de ser na comunidade a memória viva dos usos que tanto contribuíram para tornar fecunda a obra... Em suma, a guarda e a defesa do passado requerem a capacidade de conservar aquilo que sempre se fez e de transmiti-lo às novas gerações!

Quando por 20, 30 ou 40 anos, se está de tal modo imersa em uma realidade local tornando-se uma só

coisa com o seu modo de testemunhar o Evangelho, sente-se no dever de salvaguardar a sua unicidade defendendo-a daqueles perigosos ventos de renovação que cada nova chegada traz consigo.

Quem é da minha geração sabe bem que a segurança da tradição deve ser garantida por quem tem uma experiência consolidada e conhece qual é a melhor organização da comunidade, como é mais conveniente conduzir-se e vestir-se, quais horários são mais adaptados à vida comum e até como e quando se deve abrir e fechar as janelas!

Caras amigas, vocês não acreditariam, mas exatamente quando pensava ter alcançado uma sabedoria tal, capaz de assegurar-me um papel em defesa do 'velho', a Inspetora pediu-me para deixar a minha amada – e por longo tempo custodiada – comunidade!

E assim como lhe apresentava as minhas reflexões sobre a necessidade de não erradicar uma das colunas da casa, sugeri-me meditar sobre Abraão... como se dissesse: "Nunca é tarde demais!".

Ora, enquanto fecho a valise e me ponho em viagem para a minha nova destinação, pergunto-me: e se eu encontrar as protetoras ferozes das queridas, velhas, saudáveis tradições locais?

*Palavra de C.*

**PREPARASTE O TERRENO  
PARA ELA,  
SUAS RAÍZES ENTRARAM  
FUNDO NA TERRA,  
E ELA SE ESPALHOU POR TODA PARTE.**

**SALMO 80,10**



1953/2013 **dma** SESENTA ANOS